

Lideranças articulam apoio ao ministro da Economia

por Sergio Leopoldo Rodrigues
de São Paulo

"Cerrar fileiras em apoio ao ministro da Economia"
Marcílio Marques Moreira".

A frase é do empresário e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Essa mesma frase, dita de maneira diferente, foi repetida por vários outros líderes empresariais ontem, durante reunião do Fórum Paulista de Desenvolvimento, no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista (ver páginas 8 e 9).

Ela traduz o ponto central de uma estratégia que, há cerca de duas semanas, vem sendo articulada no meio empresarial com o objetivo de garantir o funcionamento da economia brasileira durante e após a crise política desencadeada pela CPI que investiga as atividades do empresário Paulo César Farias (ver páginas 6 e 7). Essa estratégia, em resumo, baseia-se em três pontos de consenso entre os empresários:

- apoio à política econômica do ministro Marcílio.
- submissão às leis e à Constituição do País.
- esforço para sensibilizar o Congresso da importância, para o Brasil, da ur-

gente aprovação da reforma fiscal.

A ação baseada nesses pontos vai ser oficialmente desencadeada no próximo dia 8, quarta-feira, quando o movimento Brasil S/A — integrado por empresários e associação de empresários de todos os setores da economia nacional — oferecerá um jantar ao ministro Marcílio, em São Paulo. Segundo o presidente da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), Manoel Pires da Costa, 32 entidades já aderiram ao encontro com o ministro.

Os empresários estão confiantes que, seja qual for o resultado da CPI, a normalidade econômica e política estará garantida. "A crise tem seu lado positivo, pois revela a estabilidade das nossas instituições democráticas", disse Alencar Burti, presidente da Federação Nacional das Distribuidoras de Veículos (Fenabrat).

O empresário Paulo Setúbal, do grupo Itaú, acha preciso levar adiante os projetos de reforma do Estado, com a reforma fiscal, mas a vista das dificuldades geradas por interesses corporativos pela frente. Luiz Fernando Furlan, presidente da Associação Brasileira das Companhias Abertas, entende que o apoio ao ministro Marcílio vai ser importante nesse sentido.